

Reflexões da Encruzilhada

Transformação, liderança e vida religiosa

REFLEXÃO N.º 1 • JUNHO 2026



Nota introdutória

Esta primeira reflexão é menos um boletim formal do que uma porta que se abre. Muitos de vocês que recebem isto caminharam comigo de uma forma ou de outra: por meio de capítulos, assembleias, conversas de liderança, retiros, transições, encerramentos, começos e mais do que alguns momentos em que ninguém tinha muita certeza do que viria a seguir. Compartilhamos conversas sobre transformação, vida religiosa, liderança, luto, esperança, entrega e a estranha graça dos tempos de limiar. Quero continuar essas conversas de forma mais regular.

Essa história é importante.

Estou iniciando estas reflexões ocasionais porque quero permanecer em diálogo com vocês sobre o que estou percebendo na vida religiosa, na liderança, nas comunidades de fé e no trabalho mais profundo da transformação. Algumas reflexões se basearão em meus textos anteriores. Outras surgirão de conversas atuais. Outras apontarão tendências que estou observando. A maioria começará com a pergunta que continuo ouvindo por baixo de muitas conversas diferentes: O que está sendo pedido de nós agora?

Esta não pretende ser mais um boletim cheio de ruído. Já há ruído suficiente, e a maioria de nós já está sobrecarregada com coisas que pretendíamos ler.

Minha esperança é mais simples. Quero que cada reflexão ofereça uma pequena chave de interpretação. Algo para ponderar, testar, questionar ou levar para a conversa com outras pessoas.

Esta primeira reflexão retoma um tema que muitos de vocês reconhecerão: ver com novos olhos. Volto a ele porque parece mais urgente agora. Muitas comunidades, organizações, líderes e pessoas em busca já não estão apenas se aproximando da encruzilhada. Estão vivendo dentro dela.

*E a tarefa agora não é entrar em pânico.
É prestar atenção.*

Ver com novos olhos

Há épocas em que os mapas antigos já não ajudam.

Eles podem ter nos servido bem por anos. Podem ter nos ajudado a construir instituições, guiar comunidades, criar famílias, liderar organizações e dar sentido às nossas vidas. Então, algo muda. As antigas suposições começam a vacilar. As respostas em que confiávamos já não se encaixam nas perguntas que estão sendo feitas. O que antes parecia estável agora parece estranhamente incompleto.

É muitas vezes aí que a transformação começa.

Não na clareza. Não no controle. Não na segurança polida de que sabemos o que vem a seguir.

A transformação geralmente começa em uma encruzilhada, onde algo em nós sabe que não podemos continuar fazendo o que temos feito, pelo menos não da mesma maneira. Podemos tentar, é claro. A maioria de nós tenta. Apertamos o cinto. Revisamos o plano. Trabalhamos mais. Melhoramos os sistemas. Criamos novas versões de abordagens antigas e esperamos que elas nos levem adiante.

Às vezes elas ajudam.

Mas, às vezes, elas simplesmente atrasam o trabalho mais profundo.

Em meus anos de trabalho com comunidades religiosas, equipes de liderança e organizações de fé, tenho visto isso acontecer repetidamente. As comunidades podem gastar uma energia enorme se adaptando à mudança, enquanto silenciosamente evitam a transformação. Elas podem reestruturar ministérios, revisar a governança, vender prédios, desenvolver planos estratégicos e ainda assim deixar intocadas as questões mais profundas de identidade, luto, coragem, imaginação e graça.

O mesmo vale para os indivíduos.

Podemos mudar o calendário, os compromissos, as rotinas, a organização externa de nossas vidas. Tudo isso pode ser necessário. Mas a transformação exige algo

mais íntimo. Ela nos pede para ver de maneira diferente. Para escutar por baixo da superfície. Para perceber aquilo a que estamos nos agarrando. Para perguntar o que quer morrer, o que quer viver e no que estamos sendo convidados a nos tornar.

A mudança reorganiza os móveis.

A transformação nos pergunta se ainda habitamos a casa certa.

Esse trabalho mais profundo não é abstrato. É dolorosamente prático. Exige que digamos a verdade sobre o que já não funciona. Pede que paremos de confundir atividade com vitalidade. Convida-nos a lamentar o que está passando sem transformar a dor em paralisia. Pede que abramos espaço para os pequenos sinais de vida nova que são fáceis de ignorar porque raramente chegam com trombeta.

Muitas vezes, eles chegam na forma de uma pergunta.

O que estamos sendo convidados a ver agora?

Que verdade temos gerenciado em vez de enfrentar?

O que estamos tentando preservar que talvez já não seja capaz de sustentar a vida?

O que se tornaria possível se ouvíssemos com mais atenção o que está mais vivo?

A vida religiosa conhece bem esse terreno. O mesmo vale para muitos líderes, famílias e pessoas em busca. Estamos vivendo em uma época em que as pressões são reais: diminuição, envelhecimento, polarização, fadiga institucional, crise ecológica, desvinculação religiosa, dificuldades financeiras e o cansaço silencioso que vem de tentar manter tudo unido por tempo demais.

Ainda assim, a encruzilhada não é apenas um lugar de perda.

Ela também pode ser um lugar de graça.

Uma encruzilhada habitada pela graça não é um lugar confortável. Raramente parece assim no início. Pode parecer confusão, vulnerabilidade ou fracasso. Mas por baixo da perturbação pode haver um convite mais profundo: viver menos a partir do medo e mais a partir da liberdade; parar de defender velhas formas muito depois que a vida já se deslocou para outro lugar; cooperar com a graça de maneiras mais honestas, mais corajosas e mais fecundas.

Isso não é um trabalho passivo.

Não é ficar esperando que Deus faça o que não estamos dispostos a enfrentar.

É uma forma de participação. Cooperamos com a transformação realizando o trabalho interior: deslocando a consciência, recuperando nossa voz mais verdadeira, curando o que foi dividido, experimentando novas formas de ser e

reunindo a sabedoria necessária para tecer um futuro mais vivificante.

Ninguém pode fabricar a transformação.

Mas podemos criar condições nas quais a transformação tenha mais chances de criar raízes.

Podemos desacelerar o suficiente para enxergar. Podemos ouvir com mais humildade. Podemos parar de fingir que as respostas antigas são suficientes. Podemos dizer a verdade sem crueldade. Podemos lamentar sem abrir mão da imaginação. Podemos arriscar pequenos experimentos em vez de esperar pela certeza perfeita. Podemos fazer perguntas melhores.

Talvez seja aí que comece a capacidade de ver com novos olhos.

Não com uma grande visão. Ainda não.

Talvez tudo comece com uma confissão sincera:

*Não podemos nos tornar aquilo que somos
chamados a ser simplesmente protegendo o
que já fomos.*

Essa frase é difícil.

Mas também é misericordiosa.

Porque, assim que paramos de fingir, torna-se possível uma maneira diferente de ver. Começamos a perceber onde a vida ainda está em movimento. Começamos a ouvir os convites mais sutis. Começamos a reconhecer que o futuro não está nos pedindo para abandonar nosso carisma, vocação ou propósito mais profundos. Talvez esteja nos pedindo para deixar ir as formas que já não conseguem sustentá-los.

Na encruzilhada, a tarefa não é entrar em pânico.

A tarefa é prestar atenção.

E então, com toda a coragem que pudermos reunir, dar o próximo passo fiel.

Para reflexão

- Em que aspecto da sua vida, liderança ou comunidade você está sendo chamado a ver com novos olhos?
- O que você está tentando preservar que talvez já não seja capaz de sustentar a vida?
- Que pequeno sinal de vida nova merece mais atenção do que está recebendo atualmente?
- O que significaria, neste tempo, cooperar com a graça em vez de simplesmente administrar a mudança?

Mais reflexões virão nos próximos meses.

Ted Dunn, Ph.D.

Comprehensive Consulting Services

www.CCSStlouis.com

Adaptado de “Ver com novos olhos: o trabalho interior de transformação necessário para estes tempos” (LCWR Occasional Papers, inverno de 2021).

